

sessões do IMAGINÁRIO

ANO XVIII | N. 29 | 2013/1

**Séries policiais e
contemporaneidade**

Camila Prado Furuzawa

P.76

**Telejornalismo, linguagem
e a nova classe média**

Flávio Porcello e Débora Sartori

P.03

**Tecnologias da imagem
e da visualidade**

Sarah Miglioli e Moreno Barros

P.68

Pós-modernidade: um olhar sobre as modificações nas interações sociais cotidianas

*Postmodernity: a look on everyday
social interactions changes*

Resumo

A busca por uma compreensão da complexidade do indivíduo e de suas interações com a sociedade é, sem dúvida, um desafio e uma reflexão que sempre se fez presente no curso da humanidade. Acredita-se, contudo, que as profundas modificações na forma como os diferentes sujeitos sociais relacionam-se individual e coletivamente estão sendo potencializadas e aceleradas atualmente pelo uso das novas tecnologias, em especial, pelo uso das redes sociais digitais. Dessa forma, o desafio do presente ensaio recairá sobre o entendimento das modificações nas interações sociais cotidianas, seus sujeitos e suas dinâmicas sob a luz da pós-modernidade.

Palavras-chave

Práticas sociais; pós-modernidade; novas tecnologias.

Abstract

The quest to understand the complexity of the individual and their interactions with society is certainly a challenge and a reflection that has always been present in the course of humanity. It is believed, however, that the profound changes in how the different social subjects relate individually and collectively are currently being enhanced and accelerated by the use of new technologies, in special by the use of digital social networks. Therefore, the challenge of this paper is to understand the changes in everyday social interactions, their subjects and dynamics under the light of a postmodernity focus.

Keywords

Social practices; postmodernity; new technologies.

Introdução

A pós-modernidade trouxe consigo uma série de modificações nas práticas sociais cotidianas, na percepção do indivíduo diante da vida em sociedade e, sobretudo, oportunizou a coexistência de diferentes paradoxos. Segundo o filósofo francês Gilles Lipovetsky (2004), uma das características que marca este indivíduo contemporâneo é a sua possibilidade de comparação entre si e os outros, entre o aqui e o distante, entre o hoje e o ontem, desenvolvendo, assim, a habilidade de se autoquestionar, de mudar de opinião, de avaliar e de se posicionar diante dos acontecimentos.

Sendo assim, evidencia-se atualmente o conagraçamento de uma nova cultura neoindividualista, centrada no presente e valorizadora da autonomia individual (a saber: o prazer, o lazer e o consumo), tudo isso em um tempo de urgência, em um tempo de (re)referenciação ou, na percepção de Lipovetsky (2004), um período de autorreferenciação, de reconstrução de si mesmo.

Narciso não é o indivíduo triunfante, mas o indivíduo fragilizado e desestabilizado por ter de carregar-se e de construir-se sozinho, sem apoios que, outrora, eram constituídos pelas normas sociais e referências coletivas introjetadas (Lipovetsky, 2004, p. 21).

Embora Lipovetsky (2004) preconize um novo tempo na história da humanidade – a hipermodernidade –, este artigo adotará para fins de análises sócio-históricas as modificações nas práticas sociais ocorridas na pós-modernidade. Dessa forma, tem-se nas palavras

deste próprio autor, que:

A pós-modernidade representa o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual se esboroam e desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio. As grandes estruturas socializantes perderam a autoridade, as grandes ideologias já não estão mais em expansão, os projetos históricos não mobilizam mais, o âmbito social não é mais que o prolongamento do privado – instala-se a era do vazio, mas “sem tragédia e sem apocalipse” (Lipovetsky, 2004, p. 23).

A partir dessa reflexão, busca-se entender o contexto das modificações ocorridas nas práticas sociais cotidianas e seus desdobramentos, tais como: o desenvolvimento de novas formas de socialidade dos indivíduos e as suas interações sob uma perspectiva abrangente e pluralista, visto que a própria história da humanidade tende a ter este caráter complexo, conforme proposto por Edgar Morin (2000). Ainda segundo este sociólogo, o pensamento complexo permite compreender melhor os problemas humanos e, sobretudo, perceber que cada indivíduo não é somente uma pequena parte de um todo social, mas que esse todo – as regras sociais, a linguagem social, a cultura e as normas – está no interior de cada um, em outras palavras pode-se dizer que não só a parte está no todo, mas o todo está na parte. Neste sentido, o pensamento complexo não se reduz nem à ciência, nem à filosofia, mas permite a interconexão entre

ambas. Essa forma de pensar, portanto, pode auxiliar no entendimento da maneira como os sujeitos sociais da pós-modernidade se unem em novos grupos.

Assim sendo, é possível observar que as relações ocorridas nas redes sociais digitais seguem esta dinâmica complexa e as conexões nestes meios ocorrem, basicamente, através da formação de grupos de interesses e afinidades entre os usuários, os quais se reúnem por identificação e similaridade. Embora queiram, ao mesmo tempo, reforçar a sua singularidade e a sua individualidade.

Acredita-se, contudo, que o desenvolvimento das novas tecnologias, da internet e das conexões digitais trouxe uma nova complexidade para as interações feitas via computadores e equipamentos com acesso ao meio digital, demonstrando que estes meios podem interferir, não somente na formação dos grupos sociais, mas também na relação espaço-tempo destas uniões. Fundamentando esta reflexão, recorre-se ao sociólogo Michel Maffesoli (2000), o qual ressaltou que as relações sociais ocorridas na pós-modernidade são caracterizadas pela rapidez e pela fluidez das interações entre os indivíduos.

Conforme proposto por Lucia Santaella (2003), as novas tecnologias modificam não apenas as formas de entretenimento e de lazer, mas indiretamente todas as esferas sociais: sejam elas o trabalho, a política, o consumo, a comunicação e a educação. Enfim, estas novas práticas estão interferindo e transformando a cultura em geral. No entanto, há de se ter ciência de que por mais possibilidades e oportunidades que a técnica possa alavancar, ela não é, de forma alguma, a

garantia de maior tolerância entre os indivíduos, visto que, conforme proposto por Lipovetsky (2011, p. 44) “a espiral da *high-tech* não cessa de destilar uma multidão de mitos e de novas utopias”.

O objetivo deste ensaio, portanto, não será definir ou desvendar a essência paradoxal do pensamento contemporâneo, mas, sobretudo, explorar algumas peculiaridades que esta época apresenta para, assim, tentar entender, mesmo que brevemente, as interações sociais cotidianas e seus sujeitos, considerando as muitas incertezas, ambiguidades e complexidades da pós-modernidade.

Para uma visão geral do presente trabalho, cabe salientar ainda que o mesmo está dividido em quatro etapas, sendo que a primeira parte abordará as características e os desdobramentos da pós-modernidade. A segunda parte tentará compreender como se manifestam as modificações nas interações sociais cotidianas dos indivíduos neste contexto atual. E por fim, a terceira etapa tratará das interações potencializadas pelas novas tecnologias, em especial pelas redes sociais digitais, bem como os desafios e as críticas da razão puramente tecnológica.

Pós-modernidade: características e desdobramentos

Na pós-modernidade, é possível perceber que a crença em uma verdade única que explique as modificações sociais cotidianas perde espaço para muitos questionamentos e incertezas. Observa-se, dessa forma, que a pós-modernidade é marcada pelo surgimento de inúmeros paradoxos e pela convivência de ideias e sentimentos contraditórios, que Lipovetsky

(2004) denominou como *coexistência dos contrários*.

Ainda de acordo com Lipovetsky (2004), vive-se uma fase de coesão da diversidade e ao mesmo tempo um reflexo da expansão dos valores individualistas da vida, em que cada indivíduo convive com os seus diferentes pontos de vista e dos demais. Neste sentido, as heterogeneidades coabitam os mesmos espaços, sejam eles políticos, religiosos ou econômicos. O próprio sentimento de solidariedade adapta-se aos novos tempos, sendo marcado mais pela comoção e espetacularização do que propriamente pelo rigorismo doutrinário.

Esta condição pós-moderna, caracterizada por Lipovetsky (2004), é sem dúvida marcada também pela preponderância do individual sobre o coletivo e do direito autorrealizador supremo sobre o dever sacrificial, distinguindo-se ainda, pela diversificação e pelo pluralismo dos costumes, pelo esgotamento da investida modernista para o futuro e pelo enfraquecimento da crença, do que Lyotard (1986) chamou de “as grandes narrativas legitimadoras”.

Complementando este pensamento, pode-se recorrer também ao sociólogo Maffesoli (1996), que observa estes fenômenos socioculturais complexos e díspares da condição pós-moderna, afirmando que:

[...] como uma colcha de retalhos, a pós-modernidade é feita de um conjunto de elementos totalmente diversos que estabelecem entre si interações constantes feitas de agressividade ou de amabilidade, de amor ou de ódio, mas que não deixam de constituir uma solidariedade específica que é preciso levar em conta. (Maffesoli, 1996, pp. 15-16)

Assim, a pós-modernidade representa uma ruptura com o pensamento linear da racionalidade, do cientificismo e das grandes ideologias advindas da modernidade, bem como sugere um contraponto ao fervor iluminista do progresso e da técnica.

Uma nova forma de observar o cotidiano, valorizar a subjetividade, relacionar-se com o diferente e com a própria maneira de ser do indivíduo foram, sem dúvidas, inauguradas pela pós-modernidade. Por outro lado, novos desafios e questionamentos também floresceram, e a pós-modernidade acaba sendo apontada por muitos como uma época de grandes incertezas, de troca de valores, de fragmentações, de efemeridade e de imediatismo, além de representar um momento histórico marcado pelo fim dos grandes discursos totalizantes, pelo crescimento do consumo de sensações e pelo individualismo exacerbado. Sendo assim, o período pós-moderno sinaliza uma mudança de direção, uma reorganização social, cultural, política e econômica das sociedades democráticas, esgotando, de certa forma, o cientificismo racional e abrindo espaço para uma subjetividade latente, além de marcar a primazia do aqui e do agora, alterando definitivamente a temporalidade na forma em que era conhecida.

Em suma, trata-se de uma nova forma de aceitação do presente, tal como ele é e sem a projeção para um paraíso futurístico. Segundo Maffesoli (2000), a sociedade presenteísta pós-moderna enfatiza as ocasiões e as boas oportunidades do aqui e do agora, estando, cada indivíduo, diante de si mesmo, buscando realização pessoal e vivendo intensamente o instante da melhor forma possível. Ao encontro dessa reflexão, Maffesoli (2000, p. 52) afirma que “a existência não passa,

de qualquer maneira, de uma sequência de instantes eternos que devem ser vividos, da melhor forma, aqui e agora". Neste sentido, a visão do futuro idealizado como um tempo melhor e mais próspero, traduzida como progresso, está fadada ao enfraquecimento.

Por conta disto, Maffesoli (2000) ainda sugere que o indivíduo pós-moderno é como uma *persona* que desempenha diversos papéis nas tribos às quais adere e que tem a sua identidade fragilizada, mas, em contrapartida, tem suas diferentes identificações multiplicadas.

Acredita-se, contudo, que esta época apresenta-se mais sensível e atenta às instabilidades e complexidades das múltiplas dimensões humanas, caracterizando assim, de forma não normativa, alguns dos desafios pós-moderno. Para Maffesoli (1996), não seria apenas uma nova fase no curso da história, ou mesmo um novo momento da grande marcha para o progresso, mas, antes de tudo, uma sensibilidade específica que sempre renasceria em lugares e épocas diversas.

Por fim e a partir do exposto, tem-se que a pós-modernidade consagra uma nova forma de solidariedade social, não contratual, mas organizada a partir de um conjunto de emoções, afinidades, interesses e afetividades. E é justamente neste contexto que se construirá essa nova maneira de ver o mundo e de se relacionar com ele e com os demais, a partir de interações mais espontâneas e efêmeras reforçadas pelas vontades dos indivíduos.

Abordado o contexto sócio-histórico contemporâneo, passa-se agora à compreensão de como se manifestam as modificações nas interações sociais cotidianas.

As modificações nas interações sociais cotidianas

A sobreposição das vontades particulares sobre as vontades impostas pelas regras sociais tradicionais é uma das características que marcam o indivíduo contemporâneo. Entretanto, segundo afirma Lipovetsky (2004), esta particularidade não reforça o esfriamento das relações humanas, visto que a solidariedade voltada às emergências dos outros indivíduos ainda existe e os vínculos sociais persistem a cada dia.

Assim, baseado nos estudos de Dominique Wolton (2010), tenta-se renovar o conceito de laço social adaptando-o ao contexto contemporâneo, mais dinâmico e frágil. Este vínculo passa a ser permeado também pelas múltiplas interações compartilhadas no contexto digital. Para um melhor entendimento o autor sugere que:

[...] o laço social dizia respeito às relações sociais e culturais relativamente estáveis. Hoje, é quase o oposto, tudo estando em interação. Os processos de informação e de comunicação contribuem para estruturar, por meio das múltiplas interações, um novo espaço público baseado num vínculo social mais dinâmico e frágil (Wolton, 2010, p. 25).

Diante desta reflexão, acredita-se que se outrora tínhamos a televisão como fator de agregação social, hoje podemos talvez perceber timidamente nas redes sociais digitais também este papel. Ou nas palavras de Lipovetsky (2011), vive-se um tempo de intensas e aceleradas transformações sociais, onde é inegável

que as interações feitas no contexto digital reflitam este comportamento humano experimentado na pós-modernidade, em que as relações sociais tornam-se, de fato, mais efêmeras, inconstantes, instáveis e, portanto, mais fluidas. Potencialmente, todas as dimensões da vida humana são afetadas na medida em que os projetos em longo prazo não façam mais sentido diante de cada instante vivido (Bauman, 2001).

Neste tempo, a permanência sucumbe diante da impermanência. Estando sempre tudo em um constante construir-desconstruir-reconstruir, mas sem ter o objetivo de durar. Caracteriza-se, assim, a sociedade pós-moderna através da fluidez e da volatilidade. Tudo é temporário e flexível. As referências, os relacionamentos, as interações profissionais, os estilos de vida, a ética e as crenças tendem a permanecer em fluxo, mudando antes mesmo que tenham tempo de se solidificar e de se institucionalizar como hábitos, costumes e condutas.

Entretanto, observa-se que, mesmo vivendo-se em uma época paradoxal, em que se tem de um lado a valorização individual aumentada e de outro a necessidade de conexão social também em ascensão, o desejo de construção dos vínculos sociais ainda permanece, regenerando o tecido social vigente.

Contudo, esta necessidade de conexão social atual é marcada pela espontaneidade, pelas afinidades comuns, pelo desejo de *estar-junto*, conforme sugere Maffesoli (2000), e não mais pelas regras das relações tradicionalmente institucionalizadas. Dessa forma, a busca dos sujeitos por uma interação que envolva o compartilhamento do conhecimento, a troca de ideias, de experiências vividas e, por óbvio, dos

produtos/serviços consumidos, é ressaltada. Percebe-se, portanto, que os vínculos sociais são constituídos também com base nas conexões que se fazem diante do que os indivíduos possuem em comum.

Vínculo que não se constituiu a partir de um ideal longínquo, mas, ao contrário, baseia-se organicamente na posse comum de valores enraizados: língua, costumes, culinária, posturas corporais. Coisas do cotidiano, concretas, que aliam, num paradoxo não apenas aparente, o material e o espiritual de um povo (Maffesoli, 2000, p. 50).

Ainda segundo Maffesoli (2000), esta atração mútua entre os indivíduos faz com que as interações ocorram baseadas nos interesses, nas vontades comuns e na emoção compartilhada. Estes componentes reforçam a multiplicidade e a heterogeneidade dos grupos que chegam a constituir uma nova forma de conexão social, que, no final das contas, pode ser até bem sólida.

Acredita-se, ainda que essa existência social coletiva que provém da vida cotidiana seja reforçada pela interação e comunicação com os outros, em que “cada um só existe no e pelo olhar do outro, seja a tribo de afinidade, a alteridade da natureza ou o Grande Outro, que é a divindade” (Maffesoli, 2000, p. 51). Cada sujeito social busca suas experiências, emoções e vivências para poder compartilhar com os demais, formando vínculos sociais a partir de relacionamentos gerados por um interesse em comum. Assim sendo, pode-se dizer que os processos cotidianos das interações tanto presenciais, quanto das relações mediadas pelo computador ocorram da mesma forma,

embora com potências diferentes. Neste sentido, as novas tecnologias poderiam potencializar essa relação coletiva de existência, ampliando os processos de interação social, bem como expandindo o sentido das ações individuais diante dos demais.

Por fim, espera-se que as muitas conexões feitas e possíveis no ambiente digital possam colaborar para a formação de novos grupos sociais, os quais reforçam características e motivações semelhantes, ainda que cada indivíduo seja único em sua complexidade. É justamente esta divergência e convergência de interesses e características que tornam estas interações sociais extremamente orgânicas e marcadas pela heterogeneidade dos sujeitos que a compõem.

Entendido o contexto atual das interações sociais, passa-se agora à compreensão da dinâmica das interações potencializadas pelas novas tecnologias, em especial, pelas redes sociais digitais, bem como dos desafios e das críticas da razão puramente tecnológica.

Novas tecnologias: as redes sociais digitais como potencializadoras das interações sociais

Atualmente, acredita-se que as redes sociais digitais estejam cada vez mais populares e possam ser consideradas mais uma importante forma de socialização, conquistando, dessa forma, grande evidência na sociedade contemporânea. Espera-se ainda, que as redes sociais estimulem as interações e os relacionamentos diretos entre indivíduo-indivíduo, organizações-indivíduo e indivíduo-organizações, ocupando papel de destaque nas profundas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida social.

Com o aumento do uso da internet e da multiplicidade de linguagens que nela circulam, ocorreram intensas transformações tanto na produção e na distribuição, quanto nas funções culturais existentes neste meio.

De forma paradoxal, como é característico da época, as redes sociais digitais passam a desempenhar um papel importante nesse processo e, ao contrário do que pode ser pensado, a tecnologia não impediria a socialização e o compartilhamento da vida cotidiana, mas sim o potencializaria. Muitos intelectuais, tais como Maffesoli, Lévy e Lipovetsky, por exemplo, mostram que é frequente na pós-modernidade o uso social da técnica, mesmo que de forma imprevisível e complexa.

Diante do exposto, tem-se no entendimento de Maffesoli (2010, pp. 52-53), que a pós-modernidade pode ser definida, em linhas gerais, como “a sinergia de fenômenos arcaicos e do desenvolvimento tecnológico”, em outras palavras, poderia ser a combinação entre as antigas formas de socialidade e as novas formas de interação multiplicadas pelos meios digitais de comunicação: “[...] durante a modernidade, o desenvolvimento tecnológico tinha, duravelmente, desencantado o mundo. Já na pós-modernidade nascente, a tecnologia favorece um real reencantamento do mundo” (Maffesoli, 2000, p. 53).

Ou ainda, conforme afirmou Pierre Lévy (2000, p. 195), vive-se um tempo em que “a humanidade reconecta-se consigo mesma” através do uso das novas tecnologias, intensificando-se assim os contatos e as conexões em uma escala nunca antes experimentada. Essa presença virtual do todo em toda a parte torna-se um ambiente oportuno também para a disseminação

de conhecimentos e competências, para a cooperação mútua e para a construção coletiva dos fragmentos de saberes, denominada pelo próprio Lévy (1998) como *inteligência coletiva*.

Por óbvio, esta conexão em escala global traz muitos desafios e gera muitos questionamentos, uma vez que diante de si mesmo como que refletido em um espelho, cujos medos, anseios e incertezas vividos atualmente, cada indivíduo resplandece nitidamente sob o olhar crítico do outro e, sobretudo, de si mesmo. Ou ainda, o uso frenético e compulsivo das redes sociais digitais poderia, na verdade, estar ocultando uma inabilidade do indivíduo contemporâneo para a realização de interações presenciais.

Todavia a abordagem, neste ensaio, recairá sobre a apropriação favorável das novas tecnologias, em especial as redes sociais digitais, para fins de potencialização das interações sociais e de compartilhamento das situações cotidianas. Neste contexto, as interações ocorridas neste meio social digital podem ser percebidas também como uma estrutura complexa e composta por indivíduos e organizações, conectados por um ou vários tipos de relações, os quais partilham valores, interesses e objetivos comuns.

Originalmente, as tecnologias digitais foram utilizadas para fins militares e acadêmicos, passando posteriormente para outro estágio com o objetivo de conectar os sujeitos sociais, promover a convivência por afinidades e a socialidade no ambiente digital. Entretanto, com o advento das redes sociais digitais, esse objetivo ampliou-se e reforçou-se o caráter colaborativo e dinâmico destas interações, passando a incluir também novas possibilidades de relacionamentos

sociais, construção coletiva de conteúdo, estímulo à aprendizagem em grupo, além de proporcionarem o desenvolvimento das redes profissionais e de colaboração mútua, conhecidas como *network*².

Essas conexões digitais feitas entre os diferentes sujeitos sociais não se caracterizam mais pela rigidez formal das tradições, como outrora era observado e conforme já referenciado anteriormente neste trabalho, mas sim, observa-se que as ligações que se fazem hoje estão muito mais alinhadas aos estilos de vida que privilegiam interesses comuns e a formação de um saber coletivo que serve de base para uma multiplicidade de experiências, vivências e ações grupais (Maffesoli, 2000).

Outra característica fundamental na definição das redes é a sua estrutura efêmera, aberta e fluida, a qual possibilita múltiplos relacionamentos, horizontais e menos hierárquicos entre os participantes e, ainda, onde cada conexão varia conforme o objetivo, a intenção e o nível de interesse dos seus usuários, na produção e compartilhamento de conteúdos da vida social. Em síntese, são as variações nas conexões estabelecidas que irão alterar a estrutura dos grupos sociais.

Conforme vislumbrou Lévy (2000), o meio digital permite uma comunicação interativa e coletiva, oportunizando a reciprocidade e a partilha de diferentes contextos. Neste sentido, acredita-se que ocorra uma nova configuração no fluxo informacional, onde os diferentes sujeitos participantes destes meios comunguem novamente da possibilidade de serem fontes de informação, ora como produtores, ora como receptores e ora como ambos. Nas palavras de Lévy, uma comunicação de “*todos para todos*”.

Mito ou verdade? Estas e muitas outras implicações

sociais, advindas da pós-modernidade, ainda estão por se consolidar, permanecendo longe de uma compreensão consensual desta época que continua desafiando estudiosos e intelectuais das mais diferentes áreas do conhecimento. Ante ao exposto, algumas considerações necessitam ainda serem trazidas à luz do debate para uma compreensão mais ampla e crítica sobre esta temática.

Assim sendo, a reconexão humana potencializada pelo uso das novas tecnologias, embora essencial e preconizada por Lévy (2000), talvez não gere, em nenhum momento, maior profundidade e durabilidade das interações sociais advindas deste meio, nem mesmo amenizam as relações de poder e falta de igualdade entre os indivíduos, visto que o fator exclusão ainda é recorrente nas culturas atuais. Em outras palavras, ainda faltam condições equânimes de acesso à tecnologia e aos seus benefícios.

Ademais, alguns questionamentos seguem sem resposta, tais como: qual a melhor utilização que se fará da técnica? Ela terá um caráter emancipador ou gerador de novas dependências? Até que ponto a criação coletiva é efetivamente genuína? E os direitos autorais, como ficarão? Enfim, existem ainda muitas incertezas sobre as novas tecnologias e sua dinâmica de utilização. Entretanto, ao invés de opor-se a este movimento tecnossocial irreversível, contínuo e que certamente já está incorporado no curso da história da humanidade, Lévy (2000) sugere, antes de tudo, compreendê-lo e acompanhá-lo, para assim poder seguir na direção mais favorável dos grandes princípios humanistas.

Por fim, acredita-se que a dimensão relacional da experiência humana seja mais enriquecedora do

que qualquer aparato ou ferramental tecnológico de interação social, pois nenhum deles, por mais inovador que possa ser, poderá superá-la, mas sim contribuir para a sua ocorrência. Visto que a técnica está a serviço da humanidade, oportunizando-lhe possibilidades, esticando ao máximo a sua presença diante de si mesma e, sobretudo, potencializando novas formas de reconexão coletiva consigo e com os outros.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco M.; SILVA, Juremir M. (Org.) **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000, pp. 195-216.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social. In: MARTINS, Francisco M.; SILVA, Juremir M. (Org.) **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000, pp. 43-54.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco M.; SILVA, Juremir M. (Org.) **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000, pp. 19-42.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.1, n.22, dez. 2003. pp. 23-32.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

Notas

1. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS). E-mail: debora.coelho@acad.pucrs.br

2. Termo em inglês que pode ser compreendido como uma rede de relacionamento profissional, ou ainda, pode-se considerar a união dos termos em inglês *Net*, que pode ser traduzido para o português como “rede”, e o termo *Work*, que pode ser traduzido como “trabalho”.